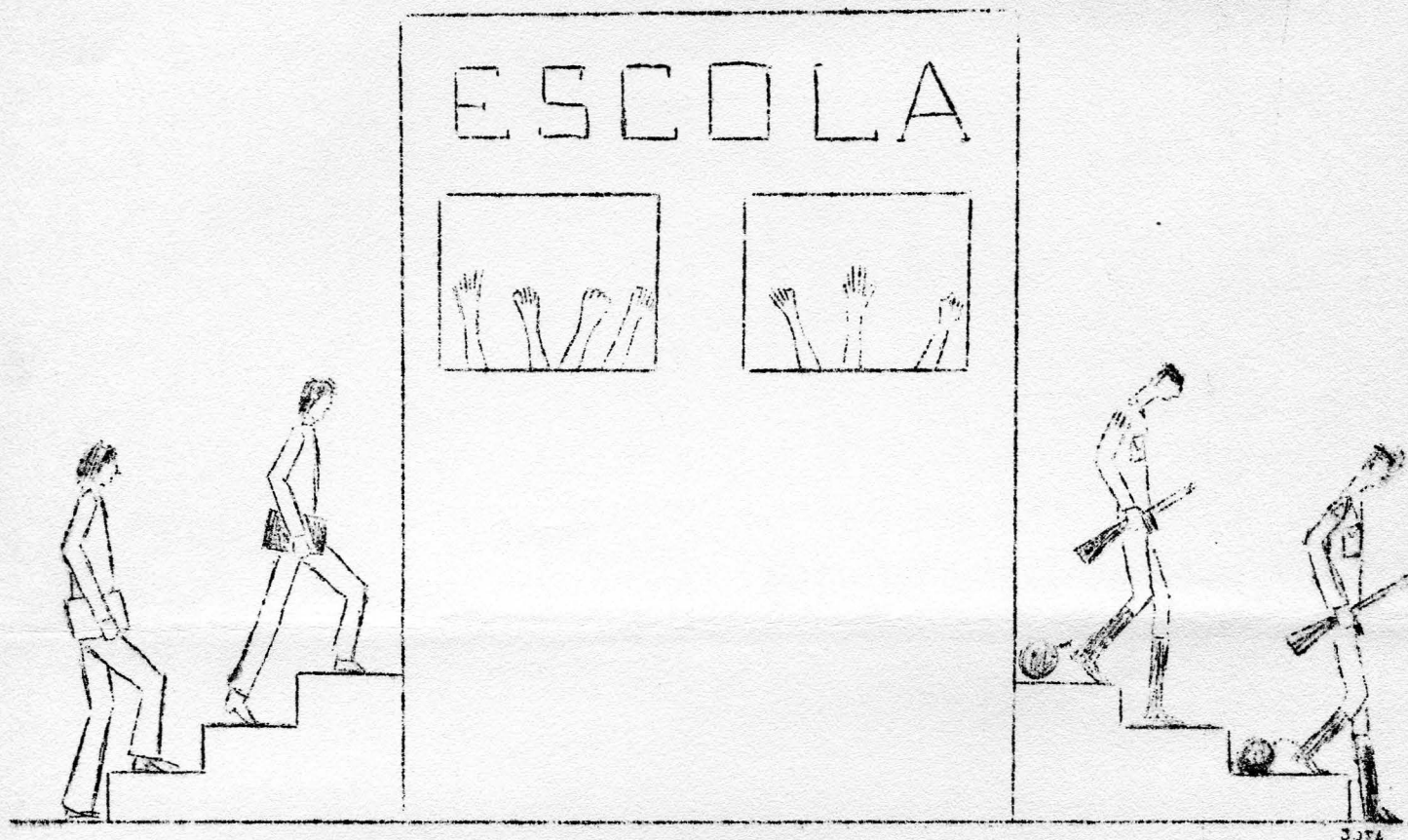


AO SERVIÇO DO POVO
VENCEREMOS



A INCORPORAÇÃO
FORÇADA
DE 483 ESTUDANTES⁰⁰
CADERNO CULTURAL
edição de apoio à LISTA B

INTRODUÇÃO

O que Lenine nos refere sobre o caracter autoritário do governo que leva para a tropa quem se opõe á sua dominação também se tem verificado entre nós. Todos temos bem presente a série enorme de suspensões das faculdades, institutos e liceus, que tiveram lugar este ano, para não ir mais atrás, com a conseqüente incorporação no exército da burguesia colonialista portuguesa. O exército é um castigo para quem se põe em luta, cada vez mais conseqüente, ao lado do Povo, pelo PÃO, pela TERRA, pela PAZ, pela DEMOCRACIA POPULAR.

Apoiada em todo o gênero de legislação militarista, e sobretudo nos decretos militares, a burguesia manda-nos para a tropa, como milicianos necessários ao comando dos jovens operários e camponeses integrados no exército de ocupação colonial.

Face ao novo condicionalismo verificado com a adopção de outra política por parte da classe dominante em relação ás colónias e ás liberdades democráticas, nós exigimos a imediata revogação dos decretos militares, a extinção das acessorias jurídicas, que processaram os melhores dos nossos colegas, e a reintegração na vida escolar de todos os estudantes que foram incorporados no exército.

E também manifestação da militarização do ensino burguês a existência de vigilantes que políciam as escolas com o fim de denunciar quem se opõe a receber acriticamente o saber burguês e se coloca ao lado do povo.

Nós devemos exigir a expulsão de todos os vigilantes e funcionários odiados pelos estudantes.

CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO ENSINO!

REVOGAÇÃO IMEDIATA DE TODA A LEGISLAÇÃO ANTI-ESTUDANTIL!

NÃO AS INCORPORAÇÕES NO EXERCITO COLONIAL!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA!

A INCORPORAÇÃO FORÇADA DE 183 ESTUDANTES

No dia 11 de Janeiro, os jornais publicaram um comunicado emanado do ministério da instrução pública sobre a incorporação forçada de 183 estudantes da universidade de Kiev "por terem fomentado desordens". O Regulamento Provisório de 2 de Julho de 1899 - essa ameaça que pesa sobre os estudantes e a sociedade - é aplicado menos de 18 meses após a sua promulgação, e o governo parece apressar-se a justificar a aplicação de uma me-

...cida repressiva inaudita apresentando todo um auto de acusação onde os mínimos pormenores são aproveitados para descrever as "façanhas" dos estudantes.

Mas essas façanhas são mais espantosas umas que outras. Reuniu-se o ano passado em Odessa um congresso geral dos estudantes que visava organizar todos os estudantes da Rússia para desencadear todo o tipo de protestos a propósito dos diversos acontecimentos da vida académica, social e política. Estes criminosos desígnios políticos levaram à detenção dos estudantes delegados e à confiscação dos seus documentos. Mas a efervescência, longe de acalmar, cresce e manifesta-se em muitos estabelecimentos de ensino superior. Os estudantes querem examinar e gerir com toda a independência e liberdade os seus assuntos comuns. A administração, com esse formalismo desalamado que em todos os tempos caracterizou a administração russa, responde com vexames mesquinhos, e leva o descontentamento ao auge conduzindo involuntariamente o espírito de uma juventude que não está ainda atolada na lama do pântano burguês, a protestar contra todo o sistema de arbitrariedade policial e diplomática.

Os estudantes de Kiev exigem a destituição de um professor que ocupa o lugar de outro que saíra em viagem. A administração resiste, acusa a juventude de "arruaças e manifestações" mas... acaba por ceder. Os estudantes convocam uma reunião para examinar como podem acontecer coisas tão infames como a violação de uma jovem por dois indivíduos de baixa estirpe (segundo boato que corre). A administração condena os principais culpados ao cárcere. Eles recusam-se submeter-se. São excluídos da universidade. A multidão acompanha-os até à estação. Uma nova reunião tem lugar, os estudantes não abandonam o local enquanto a noite vai caindo, recusando ir-se embora sem que o reitor apareça no local. O governador chega juntamente com a policia e um destacamento de soldados que cercam a universidade e penetram no anfiteatro e ... fazem vir o reitor. Os estudantes exigem... talvez uma nova constituição, pensareis? Não, eles podem apenas que a pena do cárcere não seja aplicada e que os excluídos sejam reintegrados. Os presentes são identificados e mandados para casa.

Reflecti um pouco sobre esta gritante desproporção entre modestas e inofensivas reivindicações dos estudantes e o pânico em que cai o governo que espremeia como se um machado estivesse já suspenso sobre a base do seu poder. Nada trai melhor o nosso "todo poderoso" governo que este pânico. Melhor que todas as "proclamações criminais" ele mostra assim - a quem tem olhos para ver e ouvidos para escutar - que se sente vacilante e que não tem confiança na força das baionetas e no chicote para se defender da indignação

popular. Instruído por dezenas de anos de experiência o governo está firmemente convencido que está rodeado de matérias inflamáveis e que basta uma pequena faísca, um protesto contra o encarceramento de dois camaradas para deflagrar o incêndio. Ora, sendo assim, é natural que a repressão seja exemplar: incorporação forçada de centenas de estudantes?

Esta nova medida repressiva, nova pela sua pretensão de ressuscitar um passado já muito terminado, inspira muitas reflexões. Há três gerações, no tempo de Nicolau I, a incorporação forçada era uma sanção natural, correspondendo perfeitamente ao regime de servidão que era o da Rússia. Contrastando com as isenções da nobreza, enviavam-se jovens para o exército, para aí os obrigar a servir e alcançar o grau de oficial. O camponês era enviado para o exército como para longos anos de degredo onde o esperavam suplícios inumanos como o da "rua verde" e outros semelhantes. Mas eis que há mais de meio século existe o serviço militar obrigatório "para todos", cuja introdução foi glorificada como uma grande reforma democrática. O serviço militar para todos mas não somente no papel é incontestavelmente uma reforma democrática que rompe com o sistema de castas e assegura a igualdade de direito entre cidadãos. Mas se fosse verdadeiramente assim como podia o envio para o exército ser considerado uma punição? E se o governo faz do serviço militar uma punição não prova que ele da mesma maneira que estamos muito mais perto do velho sistema de recrutamento que do serviço militar para todos? O Regulamento Provisório arranca a máscara da hipocrisia e põe a nu o carácter asiático mesmo daquelas instituições que nos parecem mais semelhantes às europeias. No fundo nós nunca tivemos nem temos agora o serviço militar para todos porque os privilégios de nascença e de fortuna criaram uma série de excepções. No fundo nunca tivemos nem temos agora nada que se assemelhe com a igualdade dos cidadãos perante o serviço militar. Pelo contrário, a caserna é sinal da mais revoltante servidão. O soldado operário e camponês está absolutamente indefeso, a sua dignidade humana espezinhada. Ele é roubado, agitado. Mas aqueles que têm relações influentes ou dinheiro também têm vantagens e beneficiam de isenções. Não espanta que o envio para esta escola de arbitrariedade e violência seja considerado um castigo muito rigoroso, próximo da privação de direitos. O governo pensa nesta escola, inculcar a disciplina aos "rebeldes". Não se irá ele enganar nos seus cálculos? a escola do serviço militar na Rússia não será uma escola militar da revolução? Naturalmente nem todos os estudantes subirão este ciclo completo. Uns su-

cumbirão às privações ou arruinar-se-ão em virtude de qualquer conflito com as autoridades militares; outros, os fracos, os débeis, ficarão aterrorizados perante as armas; mas isto torna os outros aguerridos, alargará os seus horizontes e obrigá-los-á a aprofundar pelo pensamento e pelo sentimento as suas aspirações à liberdade. Eles provarão agora pela sua experiência, todo o peso da arbitrariedade e da opressão, quando toda a sua dignidade humana depender dum capricho dum "xico", muitas vezes capaz de redobrar os vexames por estarem em presença dum homem "que tem instrumentação". Eles verão qual a situação real dos simples soldados, eles sofrerão todos os ultrajes e violências de que são necessariamente as testemunhas quotidianas, e compreenderão que as injustiças e os vexames que ~~xxxx~~ sofrem não são uma gota de água no oceano da opressão que pesa sobre o povo. Aquele que compreender isto deixará o serviço militar pronunciando o "sermão de Aníbal" pelo qual se comprometerá a lutar com a classe avançada do povo para libertar este do jugo do despotismo. Mas o carácter humilhante desta nova pena não é menos revoltante que a sua crueldade. O governo lança assim um desafio a todos aqueles que ainda conservam um sentimento de honra, fazendo passar os estudantes que contestam a arbitrariedade por simples desordeiros, do mesmo modo que apresentou os operários grevistas depostos como indivíduos de má conduta. Dai uma olhadela pelo comunicado governamental; está a abarrotar de palavras como: desordens, turbulências, excessos, afrontas, abusos de liberdade. Por um lado fala-se de fins políticos criminosos e projectos de manifestações políticas de protesto; por outro tratam-se os estudantes como simples desordeiros que precisam é de alguém que lhes ensine o que é a disciplina. É bem uma injúria à opinião pública russa cuja simpatia pelos estudantes é bem conhecida do governo. E da parte dos estudantes a única resposta verdadeiramente digna será executar a ameaça dos seus camaradas de Kiev, isto é, desencadear uma greve geral, firme e apoiada, pelos estudantes de todos os estabelecimentos de ensino superior pedindo a anulação do Regulamento Provisório de 29 de Julho de 1899.

Mas não sómente os estudantes devem responder ao governo. Aquilo que se passou tornou-se qualquer coisa de mais importante que simples história de estudantes. O governo dirige-se à opinião pública como quem se gaba da energia da sua repressão, como para escarnecer de todas as aspirações à liberdade. E todos os elementos conscientes de todas as camadas da po-

pulação devem responder a este desafio, se não querem ser relegados para a condição de escravos mudos, sofrendo em silêncio todas as humilhações. A cabeça destes elementos conscientes encontram-se os operários de vanguarda e as organizações comunistas que estão intimamente ligadas a eles. A classe operária suporta uma opressão e ultrajes muito maiores da parte desta arbitrária polícia com a qual os estudantes acabam de se chocar tão violentamente. A classe operária está já empenhada na luta pela sua libertação. E deve-se recordar que esta grande luta impõe grandes obrigações; que ela não se poderá libertar do despotismo sem que ao mesmo tempo se liberte todo o povo; que ela deve antes de tudo e acima de tudo fazer eco de toda a conduta política e apoiá-la por todos os meios. Os melhores representantes das classes instruídas provaram e consagraram a sua vontade de sacudir dos seus pés a estrumeira da sociedade burguesa para se juntarem às hostes socialistas. E é indigno do título de socialista o operário que pode olhar com indiferença o governo enviando tropas contra a juventude universitária. O governo quer enganar o povo quando afirma que preparar uma manifestação política de protesto é perturbar a ordem e a tranquilidade. Os operários devem declarar publicamente às massas que isto é uma mentira, que a verdadeira fonte da violência, do excesso e da libertinagem é o próprio governo autocrático russo, a arbitrariedade dos polícias e dos funcionários.

Quanto a saber como organizar os protestos nas suas diversas formas compete às organizações comunistas locais e aos grupos operários locais decidir. A distribuição, difusão e afixação de cartazes, a convocação de assembleias onde estarão representados, na medida do possível, todas as classes da sociedade, tais são as formas mais acessíveis de protesto. Mas seria aconselhável, onde existem organizações sólidas e fortemente instaladas, que se tente uma forma de protesto mais larga e mais abertamente afirmada, sob a forma de uma manifestação pública. Um excelente exemplo é-nos dado pela manifestação que teve lugar no primeiro de Dezembro do último ano, em Kharkov, em frente da redacção do "Ioujnykrai". Celebrava-se o aniversário deste infame jornal que persegue toda a aspiração à luz e à libertação e exalta todas as atrocidades do nosso governo. A multidão que se juntou em frente à redacção rasgou solenemente números do "Ioujnykrai", fê-los calcar pelas patas dos cavalos, serviu-se deles para embrulhar cães, lançou pedras contra os vidros e bostas fedorentas, tudo aos gritos de "abaixo a ditadura burguesa".

a imprensa vendida". Eis uma maneira certa de como merecem ser festejados não só as redacções dos jornais venais, mas também todas as nossas administrações governamentais. Se elas não celebram senão raramente o aniversário de uma liberalidade das autoridades, elas merecem sempre o aniversário de um ajuste de contas por parte do Povo.

Todo o acto de arbitrariedade e violência por parte do governo é um motivo legítimo para manifestações deste género. Que a declaração pública do governo sobre a repressão que se abateu sobre os estudantes não fique sem uma resposta pública da parte do Povo.

LENINE

(Redigido em Janeiro de 1901

Publicado em Fevereiro de 1901

no nº 2 do "ISKRA")